



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA – UNILAB**

INSTITUTO DE HUMANIDADES – IH

BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES

**POTENCIALIZANDO O CONHECIMENTO ATRAVÉS DA APRENDIZAGEM
COOPERATIVA: AS HABILIDADES SOCIAIS PARA O
DESENVOLVIMENTO DAS INTERAÇÕES SOCIAIS.**

TIAGO MORAIS DE FREITAS

Acarape-Ce – 2019

TIAGO MORAIS DE FREITAS

**POTENCIALIZANDO O CONHECIMENTO ATRAVÉS DA APRENDIZAGEM
COOPERATIVA: AS HABILIDADES SOCIAIS PARA O
DESENVOLVIMENTO DA INTERAÇÕES SOCIAIS.**

Pré-projeto de pesquisa apresentado a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como requisito de obtenção do título de Bacharel em Humanidades orientado pelo Professor Dr. Carlos Henrique Lopes Pinheiro.

Acarape - Ce, ____/____/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Henrique Lopes Pinheiro
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof^a. Dr^a Fátima Maria Araujo Bertini
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof. Dr. Leandro de Proença Lopes
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Dedico este trabalho a minha mãe, Rosangela
Morais de Castro e ao meu pai Lourisval de
Andrade Freitas, por todos os esforços que
fizeram para que eu pudesse concluir o ensino
superior.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos e todas os meus professores/as do ensino médio, por terem me incentivado a ingressar na educação superior e por terem me apresentado a Unilab.

Agradeço imensamente aos meus pais, por terem me apoiado na minha saída de casa aos 17 anos para morar em outra cidade e estudar. Foi uma decisão incerta, mas que proporcionou grandes experiências. Imensamente grato.

Continuo agradecendo meus pais, por todo o apoio e por serem meu incentivo nos momentos em que pensei desistir.

Agradeço a minha madrinha Lúcia Campos, por todo o apoio que me deu durante esse período da graduação. Gratidão a senhora.

Agradeço a Unilab por ser essa instituição de excelência em qualidade que promove tantas desconstruções e construções do meu EU cotidianamente, me proporcionando sempre novas perspectivas de vida.

Agradeço a Mariana Oliveira, minha ex-coordenadora de bolsa, pela acolhida em seu projeto de extensão e por toda a troca de conhecimento nesse tempo em que estive no TRILHAS.

Agradeço a todos os amigos e as amigas que sempre me apoiaram nas minhas decisões e tiveram comigo nos momentos de mais alegria.

Agradeço ao meu Orientador Prof.Dr Carlos Henrique, pela experiência e aprendizado. Sempre mostrando ser um profissional competente.

Agradeço a todos os professores e professoras da Unilab, por toda a aprendizagem adquirida nesse período de formação acadêmica. Sobretudo, ao Prof.Dr James Moura pelo aprendizado e primeira experiência com pesquisa científica e a Profa.Dra. Janaína Lobo por ser minha inspiração enquanto profissional.

Por fim agradeço, de forma antecipada, a banca examinadora por aceitar participar da qualificação deste trabalho, dando suas considerações para melhorar o desenvolvimento da pesquisa.

RESUMO

O presente projeto de pesquisa surgiu a partir do interesse em investigar a aprendizagem cooperativa na sala de aula e como os mecanismos das habilidades sociais atribuídos a ela podem contribuir para melhorar a qualidade do desenvolvimento das interações sociais em trabalhos acadêmicos grupais na universidade. A realização do trabalho foi inspirada nas experiências concretizadas do Programa de Estímulo à Cooperação na Escola (PRECE) e do III Curso de Desenvolvimento em Gestão Democrática realizado pelo projeto de extensão universitária TRILHAS - Orientação e Desenvolvimento Profissional. O objetivo principal desse trabalho é investigar como a aprendizagem cooperativa na sala de aula e como os mecanismos das habilidades sociais atribuídos a ela podem contribuir para melhorar o desenvolvimento de atividades grupais dos/as estudantes dos cursos Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), buscando compreender quais as contribuições para as interações sociais. Partimos da hipótese que através da aprendizagem cooperativa, se bem empregada, é possível estimular o desenvolvimento das habilidades sociais dos/as estudantes em seu cotidiano de atividades em grupo. Para a realização da investigação iremos utilizar o método qualitativo como base para esta investigação. A estratégia de investigação será a pesquisa participante. Portanto, pretendo com este estudo compreender como a aprendizagem cooperativa e as habilidades sociais em sala de aula pode favorecer o desenvolvimento das equipes de trabalho, e consequentemente, possibilitar as interações sociais de maior qualidade.

Palavras-chave: grupos; aprendizagem cooperativa; habilidades sociais; interações sociais; Unilab.

SUMÁRIO

1.APRESENTAÇÃO.....	07
2.OBJETIVOS.....	12
2.1.Objetivo Geral.....	12
2.2.Objetivos específicos.....	12
3.JUSTIFICATIVA.....	13
4.REVISÃO DE LITERATURA.....	16
4.1.Aprendizagem cooperativa para a potencialização do conhecimento.....	16
4.2.As habilidades sociais para o desenvolvimento acadêmico.....	20
4.3.A interação social como mecanismo de desenvolvimento e permanência.....	23
5.METODOLOGIA.....	25
5.1.Estratégia de investigação.....	26
5.2.Procedimentos de coleta dos dados.....	26
5.3.Seleção da amostra.....	28
5.4.Local de realização da pesquisa.....	29
5.5.Análises dos dados.....	30
5.6.Procedimentos éticos.....	31
6.CRONOGRAMA.....	32
7.BIBLIOGRAFIA.....	33

1.APRESENTAÇÃO:

O presente projeto de pesquisa surgiu a partir do interesse em investigar a aprendizagem cooperativa na sala de aula e como os mecanismos das habilidades sociais atribuídos a ela podem contribuir para melhorar a qualidade do desenvolvimento das interações sociais em trabalhos acadêmicos grupais na universidade. Partimos da experiência desenvolvida por meio do Programa de Estímulo a Cooperação na Escola (PRECE) e pela trajetória vivenciada na educação de nível médio/técnico na Escola de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa na cidade da Pentecoste – CE por este pesquisador. O Prece enquanto programa social, atualmente, visa contribuir com o ingresso de estudantes da educação de nível médio em universidades públicas e particulares. Fundado no município de Pentecoste, por volta de 1994, o movimento popular começou suas atividades de forma simples, onde os estudantes se dirigiam até a comunidade Cipó-ce, zona rural de Pentecoste, para estudarem de maneira cooperativa em baixo de uma árvore e numa casa de farinha desativada. Após a primeira aprovação a partir do programa, estimulado e consolidado pelo Professor Manoel Andrade (Departamento de Química da Universidade Federal do Ceará - UFC) o movimento ganhou popularidade e um grande número de estudantes passaram a frequentar os grupos de estudos cooperativos. O que acabou resultando na elevação dos números de aprovados em universidades. Em 2012 foi inaugurada a referida escola citada acima, onde sua metodologia empregada na sala de aula é a aprendizagem cooperativa. Partindo da experiência, digo, que foi a aprendizagem cooperativa que me impulsionou a hoje cursar o ensino superior. Na escola profissional, fui estimulado e trabalhar em grupos de estudo durante os três anos de ensino. Ao perceber os benefícios para o desenvolvimento estudantil pessoal e profissional que as estratégias de trabalho em grupo proporcionam é que surgiu a interesse em realizar esta investigação.

Nesse sentido, entendemos que tanto as técnicas centradas na aprendizagem cooperativa quanto as habilidades sociais são de fundamental importância para promover, em seu desenvolvimento, que o indivíduo adquira ainda na sua trajetória na universidade, um repertório de atitudes e comportamentos que contribuam para melhores relações sociais, afetivas, situacionais, de trabalho, etc.

A aprendizagem cooperativa é uma metodologia que se aplica a diversos contextos, sendo o ambiente universitário um dos espaços para sua utilização, sobretudo, na sala de aula. É uma ferramenta de ensino-aprendizagem que está baseada na resolução

de problemas em grupo. Geralmente, os grupos funcionam de diversas maneiras, sendo a organização desse método educacional estruturado de acordo com as necessidades de tal população. Para a investigação deste trabalho usaremos o método Jigsaw I:

Este método envolve estudantes em pequenos grupos de estudo. O material acadêmico é dividido em pequenas partes e cada membro do grupo é designado a estudar apenas uma parte. Os estudantes de grupos originais diferentes, mas que foram designados a estudarem a mesma parte, estudam e discutem seus materiais juntos. Depois da discussão, cada estudante retorna ao seu grupo de origem e ensina sua parte para os outros membros. Assim, no final, todos aprendem todo o conteúdo (ARONSON et al, 1978 apud MENEZES, M. G. BARBOSA, R. JÓFILE, Z, 2007, p.55).

Dessa forma, o uso desse método contribui para efetivas interações face-face entre os estudantes. É um processo de desenvolvimento pautado na relação de compartilhamento do conhecimento, no sentido, de que promova ganhos nessas interações e não percas. As habilidades sociais, de modo geral, é um conjunto de comportamentos que contribuem para interações sociais positivas em sociedade. Tais comportamentos que são extremamente necessários para a vida em comunidade (Del Prette; Almir, 2018). Sobre esse aspecto retratamos adiante.

Temos como ponto de partida a seguinte pergunta que norteia a construção desse projeto de pesquisa: de que forma a aprendizagem cooperativa estimula o desenvolvimento das habilidades sociais dos/as estudantes no ensino superior podendo contribuir para melhorar a qualidade do desenvolvimento das interações sociais no processo de ensino/aprendizagem na sala de aula, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)?

Nesse sentido, partimos da hipótese de que através das técnicas de trabalho em equipe desenvolvidas por meio da aprendizagem cooperativa, se bem empregada, é possível contribuir de maneira positiva para estimular o desenvolvimento das habilidades sociais dos alunos e alunas em seu cotidiano de atividades em grupo. Assim, podendo, possivelmente, contribuir para que os/as estudantes já saiam da universidade sabendo da importância qualitativa das interações sociais e suas dificuldades no processo de ensino-aprendizagem em trabalhos em grupos superadas.

Assim, consideramos pois, como fundamentais porque após o processo de formação acadêmica, será necessário enfrentar a realidade competitiva e especializada do mercado de trabalho que exige dos profissionais muitas qualidades e competências que

devem ser adquiridas necessariamente ainda na trajetória educacional da universidade. Porém, nem sempre isso acontece. Muitas vezes o ensino é pautado nas práticas disciplinares como única forma de aprendizado do conteúdo ensinado nas salas de aula, sendo dada pouca importância ao desenvolvimento de competências sociais básicas para o bom desempenho pessoal e profissional fora do espaço universitário.

Percebemos a partir da experiência com a aprendizagem cooperativa que é possível tornar o desenvolvimento educacional dos indivíduos mais produtivo, e sobretudo, formar pessoas protagonistas em sala de aula e fora dela. Toda a discussão existente sobre os resultados que a aprendizagem cooperativa pode ser bastante significativa para o desenvolvimento educacional e humano. Hoje, essa metodologia de ensino-aprendizagem apresentou-se como bastante eficiente no âmbito escolar, mais ainda pouco se discutiu como essa metodologia pode ser trabalhada na educação superior. Acreditamos que um dos principais fatores é a grande resistência por parte de professores e alunos na aplicação prática da metodologia em sala de aula.

Entendemos que diante do processo metodológico tradicional da educação superior muitas pessoas se sentem resistentes ao novo, ao diferente do comum, pois estão inseridas desde as séries educacionais primárias nesse modelo de educação. Percebemos que no ensino superior os estudantes, na maioria das vezes, são bastante individualizados e mesmo que não percebam, a individualização das atividades gera consequências desastrosas para vida, sobretudo, pessoal (Oliveira *et al.*, 2015). Atualmente, sabemos que existe um grande número de estudantes com crise de ansiedade e sintomas depressivos, esses fatores associados ao desenvolvimento cooperativo, supomos, que podem ser superados quando temos o apoio um do outro no cotidiano estressor da universidade. Em um estudo é apontado que: quando a rede de suporte emocional é estabelecida entre os estudantes isso contribui para superação de problemas e obstáculos presentes na vida estudantil (OLIVEIRA *et al.* (2015). Apontamos isso como um risco, sobretudo, para sua permanência na universidade. Como vivemos em sociedade frequentemente precisamos de outras pessoas para manter o equilíbrio social, e com isso, conseqüentemente vivemos através de interações sociais. Por esse e outros motivos é necessário investigar como os estudantes da Unilab, trabalham na resolução de problemas em trabalhos acadêmicos grupais e como suas relações são estabelecidas para melhor compreendermos os fatores que a esse problema estão associados.

No Ceará a aprendizagem cooperativa favoreceu através do compartilhamento do conhecimento por meio da relação de ensino-aprendizagem praticada em pequenos

grupos o ingresso de mais de 500 estudantes no ensino superior (PACCE, 2016). Diante disso, percebemos essa metodologia como ferramenta importante para promover interações sociais de maior qualidade dentro do espaço universitário, um lugar bastante competitivo e de pouca cooperação entre os estudantes. Tendo em vista isso, percebemos a importância de realizar esta pesquisa a fim de investigar e compreender como se dá o desenvolvimento estudantil a partir da implementação da aprendizagem cooperativa em sala de aula.

Um estudo preliminar a esta pesquisa foi realizado com alguns estudantes da Unilab em 2018. O estudo foi dirigido na perspectiva de uma formação continuada por meio de um projeto de extensão no qual aplicamos a aprendizagem cooperativa como metodologia de sala de aula.

O Trilhas – Orientação e Desenvolvimento Profissional objetiva promover e qualificar a permanência estudantil e é destinado aos estudantes de graduação e pós-graduação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) que desejam participar de oficinas no âmbito da orientação profissional, do planejamento de carreira e do desenvolvimento de competências. Os objetivos do projeto incluem a facilitação da acolhida estudantil, o incentivo à permanência, a promoção da inserção e integração dos estudantes no mundo acadêmico e do trabalho, o apoio psicossocial nas questões relativas à evasão universitária e aos índices de reprovação acadêmica, o desenvolvimento de uma formação ampliada baseada na concepção crítica de trabalho como atividade fundante do ser social e a integração entre as potencialidades do sujeito e sua história de vida e realidade social (FREITAS, T. M.; OLIVEIRA, M. A.; PONTES, L. O. 2018). Referenciamos o projeto, nesse sentido, para que haja o entendimento do que se trata. Atualmente, o projeto não foi renovado como extensão universitária, entretanto, a pesquisa estará vinculada diretamente com o setor de acompanhamento psicológico da universidade.

Foi, também, a partir dessa experiência que percebemos a necessidade de elaborar um estudo mais aprofundado da temática. Diante desses resultados preliminares, percebemos que há uma quantidade significativa de estudantes que não apresentam algumas habilidades sociais em seu repertório (apresentaremos no quadro 1). Pela falta de estímulo para o desenvolvimento cooperativo foram encontrados os seguintes indicativos, que nos são norteadores para a sequência desse projeto:

1. Os/as estudantes tem dificuldades na construção de relações interpessoais na sala de aula;
2. Alguns estudantes apresentaram dificuldades e nervosismo ao falar durante a realização das discussões em sala de aula;
3. Os/as estudantes no início do curso, não possuíam ou quase não possuíam habilidades sociais que favorecem o desenvolvimento no ambiente universitário;
4. Poucos/as estudantes apresentaram habilidades de resolução de conflitos nos dois primeiros encontros do curso;
5. Poucas habilidades ou técnicas em trabalhos coletivos foram notadas na maioria dos/as estudantes no início do curso.

Nesse sentido, percebemos a importância da presença da aprendizagem cooperativa na Unilab, buscando fortalecer o ensino e as interações sociais dos estudantes nesse espaço de construção e compartilhamento do conhecimento teórico e prático. Conforme afirma Freire (2011, p.57) “educação como processo permanente (...) este é um saber fundante da nossa prática educativa, da formação docente, o da nossa inconclusão assumida. O ideal é que, na experiência educativa, educandos, educadoras e educadores, juntos, “convivam” de tal maneira com este e com os outros saberes que falarei, que eles vão virando sabedoria”.

Nesse contexto, percebemos a necessidade de investigar como essa metodologia de ensino-aprendizagem, que envolve as habilidades sociais como ferramenta pode contribuir para o desenvolvimento das interações sociais com mais qualidade. As contribuições para o desenvolvimento social parte do princípio de ganhos favoráveis ao desenvolvimento estudantil, e conseqüentemente, da própria universidade. Portanto, pretendo com este estudo compreender a realidade dos estudantes e apresentar de maneira consistente e objetiva como as técnicas de trabalho em equipe podem contribuir para o melhor rendimento dos estudantes na realização de trabalhos coletivos, que geralmente são exigidos para o cumprimento das atividades curriculares dos cursos.

2.OBJETIVOS:

2.1.Objetivo Geral:

Investigar como a aprendizagem cooperativa na sala de aula e como os mecanismos das habilidades sociais atribuídos a ela podem contribuir para melhorar o desenvolvimento de atividades grupais dos/as estudantes dos cursos Unilab, buscando compreender quais as contribuições para as interações sociais.

2.2.Objetivos Específicos:

- Investigar como a aplicação da aprendizagem cooperativa em sala de aula influencia no processo de ensino-aprendizagem dos/as estudantes;
- Compreender se os/as estudantes dos cursos praticam as habilidades sociais em seu cotidiano de atividades acadêmicas em grupo;
- Analisar como os/as estudantes desenvolvem suas atividades acadêmicas em grupo e quais são os desafios enfrentados no processo de interação com o outro;
- Identificar quais as técnicas de estudo em grupo são utilizadas pelos estudantes a fim de favorecer a construção dos trabalhos, bem como, contribuir para seu desenvolvimento.

3.JUSTIFICATIVA:

Justifica-se, a relevância desse trabalho tendo em conta o desenvolvimento acadêmico, profissional e pessoal dos estudantes. Primeiramente, a educação superior estimula e reforça cotidianamente práticas de exclusão entre os indivíduos, o que impacta negativamente quando o estudante precisa desenvolver um trabalho coletivo. A educação é um amplo campo de pesquisa que visa contribuir de maneira positiva na formação social e cultural dos indivíduos.

A pesquisa que será desenvolvida busca contribuir com a reflexão de que é preciso compreender a realidade desses estudantes que estão em processo de desenvolvimento universitário. Nesse sentido, compreender o cotidiano das atividades desenvolvidas coletivamente é fundamental para que sejam elaboradas ações que possa contribuir significativamente para melhorar a relação dos trabalhos grupais, e assim, contribuir com a elevação dos índices acadêmicos que são requisitos fundamentais para a conclusão dos cursos de nível superior. Nos grupos de trabalho constantemente se nota que os estudantes não possuem muitas habilidades quando se trata de desenvolver trabalhos em equipe. Isso significa um problema que interfere diretamente no aprendizado do estudante. Quando me refiro à problema, quero dizer que – trabalhar de maneira coletiva não é uma atividade fácil e simples, pois a chance de acontecer um conflito entre o grupo é possivelmente grande, de toda natureza. Contudo, nas técnicas de estudo centradas na aprendizagem cooperativa é possível organizar o grupo de maneira que um dos passos para o bom rendimento seja a gestão de conflitos. O que não necessariamente se torne algo negativo, pois dessa maneira será possível aprender a entender, mediar e solucionar os conflitos que poderiam ser algo negativo para o desenvolvimento da atividade em grupo.

Essa metodologia possui técnicas e ferramentas didático-pedagógicas que podem melhor contribuir para o desenvolvimento dos/as estudantes na Universidade. Com base na pesquisa de Johnson *et al* (2000, p.92) “pode-se dizer agora que há pouca dúvida de que a aprendizagem cooperativa é realmente adequada à educação superior: funciona. Não obstante não ter sido fácil implementá-la, quando todos os elementos críticos estão aí no seu lugar, pode-se dizer que ela é muito poderosa”. Sabemos que o espaço universitário é amplo, com possibilidades de sucesso, e também, com muitos desafios para serem enfrentados. Muitas vezes para que o/a estudante permaneça no seu curso de graduação ou pós-graduação é necessário romper vários obstáculos que fazem parte da rotina universitária. São pessoas e realidades diferentes. Existem diversos perfis

estudantis estruturados por marcadores sociais de classe, raça/etnia, gênero e etc. E tudo isso contribui para experiências acadêmicas diferentes com base na diversidade. Nesse cenário saber lidar com as diferenças é um fator fundamental para o desenvolvimento acadêmico e pessoal. Segundo Freire (2011, p.26):

Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa, e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era algo possível - depois, preciso - trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluiu na experiência realmente fundante de aprender (FREIRE, 2011, p.26).

O mesmo acontece nas relações que estabelecemos em atividades grupais. A troca e construção do conhecimento será realizada a partir de concepções de realidades totalmente heterogêneas. Para citar Paulo Freire, ele diz: “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém” (FREIRE, 2011, p.25). Por isso a relevância das atividades em grupo.

Romper com o padrão educacional ocidental é quase que uma utopia do ponto de vista prático. Entretanto, é necessário propor outras maneiras de promover uma educação mais democrática, construindo um projeto participativo. Em conformidade com Menezes et al (2007, p.52) “uma educação para a cidadania deve buscar o desenvolvimento da capacidade de conviver onde a ética, a tolerância e a solidariedade são valorizadas e vivenciadas no cotidiano”. Nessa perspectiva, quero dizer que mesmo a sala de aula sendo um espaço de discussão, troca de experiência, compartilhamento do conhecimento, muitas pessoas ainda não conseguem, simplesmente, falar em público. Na aprendizagem cooperativa, como o próprio nome sugere, só funciona a partir da troca de conhecimento mútuo partilhado pelo grupo. Isso estimula o desenvolvimento da fala, do saber ouvir o/a outro/a, a troca de opiniões diferente, etc.

Um dos fatores que podemos analisar em decorrência do processo de individualização das pessoas no ensino superior, é sem dúvida, a evasão acadêmica. “Os relacionamentos interpessoais dos estudantes universitários ainda podem ser determinantes para adiar ou confirmar a decisão de abandono do curso. Percepções de amizade e cooperação entre os colegas, tanto no contexto acadêmico como fora dele, podem favorecer a permanência dos discentes em seus cursos” (OLIVEIRA, A. S., OLIVEIRA, C. T., DIAS, A. 2015, P.152). Isso é bastante notório em diversos cursos.

Geralmente, as pessoas costumam estudar sozinhas, individualizadas. Entendemos que é algo bem particular de cada pessoa, algumas se dão muito bem dessa maneira, mas para os/as estudantes que não conseguem ter um alto rendimento, acabam que se sentindo muito excluídos e com a sensação de incapaz, o que na maioria das vezes estimula a desistência, dentre outros fatores.

O trabalho em grupo propicia excelentes condições para que os estudantes melhorem as habilidades sociais e aprendam a compatibilizar suas convivências com as necessidades dos demais (MENEZES et al, 2007). O estudo em grupo é algo bastante exigido na universidade pelos/as professores/as, mas que é bastante rejeitado pelos/as estudantes. Basta perguntar: você estudante gosta de estudar em grupos?. Temos a hipótese que as respostas serão bem variadas. Acreditamos que alguns indivíduos “gostem” do estudo em grupo, porém sem muitas técnicas; outros podem “não gostar” por falta de contato com atividades grupais, já acostumou a individualização; alguns podem até mesmo, por ventura, nem praticar porque acham desnecessário. Entretanto a individualidade na resolução de problemas, em alguns casos, acaba prejudicando o desenvolvimento do estudante. No caso da cooperação e em concordância com Oliveira *et al* (2015, p.158) “a adaptação a novas circunstâncias é facilitada pelas relações de afetividade saudáveis que o indivíduo estabelece. Os efeitos dos eventos estressores que não podem ser evitados tendem a ser mais brandos, e o prejuízo à saúde psicológica é menor quando o indivíduo percebe que tem a quem recorrer”.

A partir da realização dessa pesquisa iremos investigar como a aprendizagem cooperativa, enquanto metodologia de ensino-aprendizado, em suas ferramentas, pode contribuir para o desenvolvimento dos/as estudantes na universidade. Ressaltamos a importância dessa pesquisa, tendo em vista, a mudança que ela pode ocasionar nas habilidades estudantis, bem como, a contribuição que podemos dar para a ciências humanas no campo educacional. Portanto, assim como afirma Gil (2002, p.17) “a pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema”.

4.REVISÃO DE LITERATURA:

A aprendizagem cooperativa ainda é pouco aplicada no ensino superior do Brasil. Essa metodologia, assim como o atual padrão educacional brasileiro, possui técnicas e ferramentas didático-pedagógicas que podem melhor contribuir para o desenvolvimento dos/as estudantes na Universidade.

A educação tradicional estimula e promove o individualismo na sala de aula e nas atividades externas realizadas pelos estudantes. Hoje há outros percursos metodológicos que podem contribuir para propor mudanças a essa realidade de exclusão e de competição do âmbito da educação. Paulo Freire (2011) nos estimula a refletir acerca da importância das práticas educativas progressistas na construção de métodos de ensino que promovam a inclusão do ser humano. Pois formar é muito mais do que treinar os estudantes, no sentido de apenas, educar para o exercício da disciplina.

Nos estudos que envolvem a aprendizagem cooperativa existe um vasto solo de teorias que sustentam a pesquisa e a prática, a nível de delimitação, iremos utilizar apenas três, no qual mais se aplicam ao desenvolvimento de atividades em grupos. A construção teórica deste trabalho está fundamentada nas bases da Teoria da interdependência social que para Johnson et al (2000, p.93) “a premissa básica da teoria da interdependência social é que o modo como a interdependência social é estruturada determina o modo como os indivíduos interagem, que, por sua vez determina os resultados”. Para a segunda corrente teórica apontamos os estudos da teoria cognitiva-evolutiva pensada a partir dos estudos de Lev Vygotsky (1978) referenciados nos estudos de Barbosa e Jófile (2004) com base nos estudos de ambos, podemos perceber que a cooperação promove um potencial crescimento intelectual. A terceira e última, estará fundamenta na área da psicologia que é denominada como teoria da aprendizagem comportamental.

4.1.Aprendizagem cooperativa para a potencialização do conhecimento:

Os estudos relacionados ao entendimento dos esforços competitivo, individualista e cooperativo se constitui como o campo de pesquisa mais antigo na psicologia social americana. Mais somente no final do século XIX e meados do século XX é que pesquisas mais complexas foram realizadas para entender os sentidos de competição e cooperação. Johnson et al (2000) aponta que, sendo os mesmos autores os propulsores da teoria, que

somente a partir de 1970, estudos foram realizados focando a cooperação especificamente na educação. Assim como aponta os mesmos autores:

A partir do começo dos anos 70, educadores dos níveis do Jardim de Infância ao Colegial ficaram curiosos em saber os benefícios da aprendizagem cooperativa – tão poderosamente demonstrados com alunos de faculdade – também se aplicariam aos alunos do primeiro de do segundo grau. A partir daí, desenvolveu-se uma robusta literatura nesse nível. Nos anos de 1990, reacendeu-se o interesse na investigação da aprendizagem cooperativa a nível de faculdades (JOHNSON; JOHNSON; SMITH, 2000, p.92).

Para a construção de dados numéricos avaliativos, como padrão de normalidade no contexto em que iremos pesquisar, o ensino superior, exige que os alunos no processo de avaliação do conhecimento entrem em competição por notas. Isso traz consequências desastrosas para vida acadêmica. Não estou aqui dizendo que não deve existir um parâmetro avaliativo, mas quero por assim dizer que se trabalhando um desenvolvimento cooperativo mútuo, poderemos contribuir para melhores índices dos/as alunos/a em sua maioria, além de melhores relações afetivas e interações sociais mais produtivas. Consoante a Johnson *et al* (2000, p.92):

A aprendizagem cooperativa é também pouco usada porque muitos alunos não entendem como trabalhar cooperativamente com os outros. A cultura predominante e o sistema de recompensas de nossa sociedade (e de nossas faculdades) são orientados no sentido do trabalho competitivo e individualista; os alunos das escolas vieram de um sistema em que se enfatizam as classificações, e são frutos de professores exigentes na avaliação de alunos na base dos referenciais de “normalidade” (JOHNSON; JOHNSON; SMITH, 2000, p.92).

Na universidade, muitas pessoas, desde professores a alunos, muitos ainda apostam no talento individual. Entretanto, conforme aponta Johnson *et al* (2000, p.91) “o isolamento não é o melhor caminho para alimentar esses talentos”. Pode-se constatar que o cotidiano universitário apresenta muitas oportunidades de aprendizagem, tanto acadêmicas como sociais e sócio-emocionais que são fundamentais para o desenvolvimento profissional e humano.

Dessa maneira a cooperação se estabelece mediante a interação realizada pelos indivíduos, que por sua vez para um bom desempenho na resolução dos problemas precisam possuir, mesmo que minimamente as habilidades sociais em seu repertório.

Com base no estudo realizado por Oliveira *et al* (2015, p.158) podemos perceber o sentido de cooperação de acordo com os dados da pesquisa realizada com estudantes universitários:

Segundo os entrevistados, o desempenho nas matérias é facilitado por estudos em conjunto, discussões e debates de textos, empréstimos de materiais e explicações da matéria por aqueles colegas que dominam melhor o conteúdo. Acredita-se que o auxílio nos estudos ocorre somente entre os integrantes dos pequenos grupos formados dentro das turmas devido às características semelhantes que um indivíduo apresenta em relação ao outro. Assim, há uma diferenciação entre colegas que se tornam amigos, os quais ajudam a melhorar o rendimento acadêmico, e os colegas que não são amigos (OLIVEIRA, A. S., OLIVEIRA, C. T., DIAS, A. C. 2015, p.158).

Ainda nesse sentido, “esses vínculos podem colaborar para o bem-estar dos jovens a partir da criação de uma rede de suporte emocional fora da família (Rosin, 2012) por meio do apoio em casos de dificuldade e do compartilhamento de expectativas, interesses, problemas e experiências” (Pittman & Richmond, 2008; Teixeira *et al.*, 2008, 2012 apud Oliveira *et al.*, 2015, p.152). De acordo com Menezes *et al* (2007, p.53) “Essa prática interativa leva os homens a serem solidários; refletirem e exercitarem o respeito às posições do outro e a agirem juntos para transformar e humanizar o mundo”. Segundo Freire, este é o caminho para a formação da personalidade democrática: “O diálogo, como o encontro dos homens para a pronúncia do mundo, é uma condição fundamental para a sua real humanização” (FREIRE, 1987, p. 134 apud MENEZES *et al* 2007, p.53).

A aprendizagem cooperativa funciona a partir da formação de um grupo. Os grupos de estudo na universidade estão presentes em todos os níveis do ensino superior. Sejam eles, grupos de pesquisa, grupos de encontros semanais de bolsas ou os grupos de resolução de trabalhos acadêmicos, que é o objetivo de investigação desse trabalho. Entretanto, mesmo sendo grupos, não significa que são cooperativos metodicamente. Para Johnson *et al* (2000):

Nem tudo que reluz é ouro, é claro, e nem todos os esforços do grupo são cooperativos. O fato de simplesmente dividir os alunos em grupos e de pedir-lhes que trabalhem juntos não resulta por si mesmo em esforços cooperativos. Há muitos modos pelos quais os esforços do grupo podem dar errado. Colocar os alunos sentados juntos podem resultar em competição com mais proximidade (pseudo-grupos), ou em esforços individualistas nas conversas (grupos tradicionais de aprendizagem). A complexidade da aprendizagem cooperativa pode

parcialmente explicar por que ela tende a ser usada menos do que a aprendizagem competitiva e individualista nas aulas de faculdades, mesmo sendo em muito a mais eficiente das três alternativas (JOHNSON; JOHNSON; SMITH, 2000, p.92).

São diversas demandas curriculares no qual os estudantes devem traçar estratégias para sua efetiva realização. Os grupos deveriam ser entendidos como mecanismo de aceleração do processo de ensino-aprendizagem. Porém, grupos que não se desenvolvem a partir de métodos cooperativos tendem a ter baixos níveis de relações interpessoais saudáveis, pois conflitos muitas vezes desestruturam os grupos de trabalho na universidade.

Em harmonia com Barbosa e Jófile (2004, p. 57) “O trabalho em grupo pode proporcionar um aprendizado necessário para os alunos, para participarem das investigações colaborativas. Um número variado de técnicas talvez conduza ao uso de outras. Os professores podem empregar os vários modelos ou combinações dos mesmos para atingir seus objetivos”. Acrescenta-se ainda que:

De acordo com SLAVIN (1987), o ponto de partida para o aprendizado cooperativo é diferente nas duas perspectivas: os adeptos do desenvolvimento focam, essencialmente, a qualidade das interações entre os alunos envolvidos nas atividades colaborativas; os adeptos da motivação, por sua vez, estão mais preocupados com as estruturas que cada grupo utiliza para conseguir suas recompensas ou objetivos (SLAVIN, 1987 apud BARBOSA, R. M. N; JÓFILE, Z. M. S. 2004, p.57).

O trabalho cooperativo pode ser uma alternativa aceitável para a sala de aula, ao estimular valores como solidariedade, responsabilidade, iniciativa e criatividade, ao mesmo tempo em que reduz o nível de ansiedade e propicia uma aprendizagem mais efetiva. Por fim, podemos concluir dizendo que a aprendizagem cooperativa é, sobretudo, o aprendizado baseado na resolução de problemas em grupos. “Dessa forma, o método cooperativo pode ser visto como uma ferramenta para orientar o professor na utilização do trabalho em grupo não apenas como um facilitador do trabalho escolar, mas também como uma estratégia que vise à formação integral do ser humano” (MENEZES, M. G. BARBOSA, R. JÓFILE, Z. p.60)

4.2.As habilidades sociais para o desenvolvimento acadêmico:

O campo dos estudos das habilidades sociais é bastante amplo e importante para compreendermos o desenvolvimento dos indivíduos. Estudos são realizados anteriormente a 1996, contudo, buscamos identificar as produções mais pertinentes a partir do mesmo ano. Tendo em vista a vasta produção, optamos pelos trabalhos realizados no Brasil, sendo as contribuições de Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (1996); Barreto et al (2004); Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2006); Soares, A. B. Del Prette, Z. A. P. (2015); Del Prette; Almir, (2018), as bases para esta discussão.

De acordo com Del Prette e Del Prette (1996) historicamente o conceito de “habilidades sociais” passou por muitas modificações até seu atual uso. No Brasil, o conceito de habilidades sociais está intimamente relacionado com as interações sociais no que se relaciona com as variáveis de pessoas (cognitivas, afetivas e comportamentais) e do ambiente (a situação, os interlocutores e o contexto cultural) para o desenvolvimento da competência social positiva (Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. 1996).

Dessa forma é necessário citar o contexto histórico das alterações que ocorreram com o conceito a partir de diversos estudos com diferentes finalidades já realizados. Em conformidade com Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. 1996, p.239):

Salter (1949), um dos pioneiros do modelo clínico, adotou a expressão “personalidade excitatória”; Wolpe (1976) a substituiu por “comportamento assertivo”; Lazarus (1977) preferiu utilizar o termo “liberdade emocional”; Fernstenhein (1972) referiu-se à “auto-afirmação”; Liberman, King, De Risi, & McCann, M. (1975) cunharam “efetividade interpessoal”. O significado dessas designações apresentam substanciais sobreposições mais nenhuma delas reflete adequadamente a abrangência da área nem tem alcançada uma aceitação unânime. Destas, a que houve maior popularidade, especialmente na década de 70, foi a categoria comportamento assertivo, de Wolpe. Após essa época, a denominação de habilidades sociais, originalmente empregada na Inglaterra por Argyle (1967; 1981) ganhou força nos Estados Unidos e começou a denominação comportamento assertivo na maioria das publicações, embora está continuei a ser utilizada (DEL PRETTE, Z. A. P. DEL PRETTE, A. 1996, p.239)..

No contexto universitário, muitas vezes, é necessário saber se expressar formalmente diante de algumas situações. Dessa forma, é indispensável que o/a estudante possua um repertório de habilidades sociais que contribua para o desenvolvimento do seu comportamento e da comunicação.

De acordo com Del Prette, Almir (2018):

Habilidades sociais refere-se a um constructo descritivo dos comportamentos sociais valorizados em determinada cultura com alta probabilidade de resultados favoráveis ao indivíduo, seu grupo e comunidade, que podem contribuir para um desenvolvimento socialmente competente em tarefas interpessoais” (DEL PRETTE; ALMIR, 2018. p.18.).

Diante da complexidade da compreensão das habilidades sociais, iremos enfatizar as que mais se adequa ao ambiente acadêmico. Na figura a seguir podemos destacar as consideradas mais pertinentes para serem investigadas nos trabalhos em grupo:

Figura 1: comportamentos sociais desejáveis para o desenvolvimento comportamental.

**COMPORTAMENTOS
SOCIAIS DESEJÁVEIS**

HABILIDADES SOCIAIS

manifestar respeito e empatia, expressar opiniões, discordância e sentimentos negativos e positivos, fazer, aceitar e rejeitar críticas, falar em público, fazer amizades, resolver conflitos, ser assertivo etc.

COMPETÊNCIA SOCIAL

Quadro 1: apresentação dos comportamentos sociais desejáveis que se aplica ao desenvolvimento de trabalhos de grupo. Adaptado de (Almir Del Prette, Zilda A.P. Del Prette, 2018).¹

Nesse aspecto, as habilidades sociais contribuem para que os indivíduos possam desempenhar uma positiva interação social com o outro, desde que, maximize os ganhos e reduza as perdas em suas relações coletivas na universidade. As habilidades sociais,

¹ Para melhor compreender também os comportamentos sociais indesejáveis, consultar: DEL PRETTE, ALMIR. Competência social e Habilidades Sociais; manual teórico-prático / Almir Del Prette, Zilda A.P. Del Prette, Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2018.

nesse sentido, é empregada através do conjunto de técnicas que estão ligadas ao uso da aprendizagem cooperativa como metodologia de ensino-aprendizagem, neste caso.

Partimos do pressuposto que seu uso maximiza o processo de desenvolvimento educacional dos indivíduos nelas inseridos. Assim, é através das habilidades sociais que conseguimos desenvolver a competência social (DEL PRETTE; ALMIR, 2018). Para Caballo (1987, p.14 apud Barreto *et al*, 2004, p.32):

O comportamento socialmente habilidoso é esse conjunto de comportamentos emitidos por um indivíduo no contexto interpessoal, que expressar sentimentos, atitudes, desejos, opiniões ou direitos desse indivíduo, de um modo adequado à situação, respeitando esses comportamentos nos demais e que geralmente resolvem uma situação ao mesmo tempo em que minimiza a probabilidade de problemas futuros.

As habilidades sociais relevantes podem ser categorizadas em cinco categorias que são frequentemente utilizadas, mesmo não sendo percebidas no cotidiano. Essas categorias estão distribuídas em classes e subclasses conforme apresenta Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2006): habilidades de comunicação (fazer e responder perguntas, dar e pedir feedback, elogiar, iniciar, manter e encerrar conversação); habilidades de civilidade (dizer por favor, agradecer, apresentar-se, cumprimentar); habilidades assertivas (expressar opinião, discordar, fazer e recusar pedidos, interagir com autoridades, aceitar críticas, expressar desgostos, lidar com a raiva do outro, etc); habilidades empáticas e de expressão de sentimento positivo (abraçar, sorrir, demonstrar afeto e apoio, etc); habilidades sociais de trabalho (falar em público, autocontrole, coordenar grupos); e por fim, habilidades sociais educativas (relacionada ao desenvolvimento infantil). Ainda em concordância com os autores, “na base de qualquer desempenho socialmente competente, destacamos a auto monitoria, enquanto habilidade geral de observar, descrever, interpretar e regular pensamentos, sentimentos e comportamentos em situações sociais” (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2006, p.01).

Em resumo, a universidade é um espaço multidisciplinar que desafia os estudantes emocionalmente, intelectualmente e socialmente a se adaptarem a tal contexto. Por isso é tão importante gostar do que faz na universidade, caso contrário os conflitos psicossociais serão estressores frequentes no cotidiano do indivíduo. Nesse sentido, as habilidades sociais estimulam uma interação mais próxima entre os estudantes estimulando uma aproximação, conseqüentemente, promovendo redes de apoio e suporte social.

4.3.A interação social como mecanismo de desenvolvimento e permanência:

Na universidade, assim como em toda a sociedade, vivemos por meio das interações com o mundo, e sobretudo, com outros indivíduos. Buscamos aqui propor a reflexão acerca da importância de pautar a discussão desse fenômeno social que permeia o cotidiano da nossa vida em sociedade. Através das interações sociais é que podemos estabelecer a conexão com o outro, buscando por meio da comunicação verbal e não-verbal realizar trocas que possam estabelecer uma relação interpessoal entre os sujeitos. “Sempre que dois elementos interagem, o potencial para a cooperação existe. Mas é somente sob certas condições que a cooperação realmente existirá” (JOHNSON; JOHNSON; SMITH, 2000, p.94).

Consoante a Barbosa e Jófile (2004, p. 56) “a perspectiva do desenvolvimento é baseada na teorias vygotskiana (VYGOTSKY, 1978) que considera que as tarefas que promovem interação entre os alunos melhoram o aprendizado ao produzir conflitos cognitivos e expor os alunos a pensamentos de alta qualidade”. Dessa forma, quando os estudantes são postos em situações de grupo o conflito é consequência da situação.

Em conformidade com Soares e Del Prette (2015, p.139) “A adaptação ao ambiente universitário implica várias mudanças, algumas requerendo acomodação de novos hábitos, outras demandando a incorporação de novos comportamentos e conhecimentos”. Percebe-se que no contexto universitário além dos conflitos cognitivos gera-se conflitos interpessoais, que acarreta rompimento de vínculos entre os estudantes, o que acaba gerando um desempenho social não bem sucedido. Nesse sentido, o uso das habilidades sociais contribui para um melhor desempenho no passo em que promove habilidades de comunicação, de resolução de problemas interpessoais, de cooperação e de desempenho interpessoais próprios de algumas atividades profissionais (Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. 1996, p.240).

Os estudos em grupos, além da aprendizagem deveria, se supondo, desenvolver todas as habilidades sociais necessárias para o bom desempenho estudantil nas interações sociais. Princípio fundamental para construção de relacionamentos interpessoais que podem contribuir para permanência no ambiente universitário. Pois dessa forma, se estabelece relações interpessoais contribui para a construção de redes de apoio.

Conforme assinala Soares e Del Prette (2015, p.140):

Na Universidade, o estudante encontra interlocutores muito diversificados em idade, papéis e características pessoais (outros estudantes, professores, funcionários etc.), com demandas também variadas nas interações com eles. Essas interações podem requerer habilidades para resolver problemas, compartilhar sentimentos, discutir questões acadêmicas (e não acadêmicas), fazer pedidos, agradecer, organizar-se com os colegas e cooperar (SOARES, A. B.; DEL PRETTE, Z. A. P. p.140).

Consoante a Barreto *et al* (2004) “As relações interpessoais são muito importantes na sociedade moderna e hoje em dia exige-se que os indivíduos, independentemente de suas atividades profissionais, apresentem desempenhos sociais aceitáveis e elaborados” (BARRETO *et al*, 2004, p.31).

Para Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (1996, p.234) “A importância das interações satisfatórias é reconhecida por profissionais das Ciências Humanas, em diferentes campos de atuação e de diferentes orientações teóricas, como um fator do desenvolvimento infantil, saúde mental, da satisfação no trabalho, do exercício da cidadania, da qualidade de vida comunitária etc”. Continuando, acrescenta-se ainda que:

“(…) pode-se defender que as habilidades sociais/profissionais deveriam ser objeto da formação acadêmica e, portanto, fazer parte dos currículos dos cursos. No entanto, o que se pode ser verificado é que a aquisição desse repertório, quando ocorre, se dá de modo informal, não planejado, fazendo parte do currículo oculto promovido ao longo da formação acadêmica” DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. (1996, p.235).

De acordo com Bonals (2003) “a interação social passa a ser condição necessária para a produção de conhecimentos por parte dos estudantes ao lhes oferecer a oportunidade de colocarem seus conhecimentos e suas estratégias à disposição do outro, fazendo-se mútuas contribuições, o que lhes permitirá a incorporação de novos conhecimentos (BONALS, 2003 apud MENEZES *et al* 2007. p.54).

5.METODOLOGIA:

Na construção deste trabalho iremos usar uma abordagem qualitativa na perspectiva do construtivismo, buscando melhor compreender a realidade estudada. De acordo com Creswell (2010, p.31):

As questões tornam-se amplas e gerais, para que os participantes possam construir o significado de uma situação caracteristicamente baseadas em discussões ou interações com outras pessoas. Quanto mais aberto o questionamento, melhor, enquanto o pesquisador ouve atentamente o que as pessoas dizem ou fazem nos ambientes em que vivem.

Nesse sentido, os participantes da pesquisa serão parte integrante para a construção dos resultados, ou seja, será mediante a interação de uns com os outros que iremos poder perceber as variáveis existentes no problema de pesquisa estudado. Durante a realização do curso, ao final de cada oficina com a metodologia da aprendizagem cooperativa em sala, será feita a aplicação de um questionário semi-estruturado de acordo com o objetivo de cada oficina, a fim de coletar informações sobre o desenvolvimento do/a participante no decorrer da pesquisa. Todos os dados coletados serão protocolados e documentados por este pesquisador.

Para a realização deste trabalho, iremos utilizar o método qualitativo como base para esta investigação. “A pesquisa qualitativa é uma forma de investigação interpretativa em que os pesquisadores fazem uma interpretação do que enxergam, ouvem e entendem” (CRESWELL, 2010, p.209). Classificamos este trabalho como uma pesquisa exploratória, pois assim como afirma Gil (2002, p.41):

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

Na perspectiva da pesquisa qualitativa, nosso aporte teórico de investigação busca entender a partir de uma visão ampla, os comportamentos e atitudes dos indivíduos alvos deste estudo. Nesse sentido esta pesquisa se concentra em estudar a área da educação enquanto campo do conhecimento que pode promover diversas transformações na vida

das pessoas. Dessa forma, entender a dinâmica de trabalhos em grupos, é entender também, os comportamentos e o sentido de cooperação para os/as estudantes.

5.1.Estratégia de investigação:

- 5.1.2.Pesquisa participante:

O caráter de pesquisa participante será empregada tendo em vista a relação deste pesquisador com o objeto de estudo. Por muitos momentos será necessário a efetiva participação do pesquisador na realização do trabalho para construção dos dados por meio das estratégias de investigação que serão utilizadas. Entretanto, este trabalho não se resume a isso, pois buscamos investigar as relações que são estabelecidas entre os estudante. Pois para Gil (2002, p.150) a “descoberta do universo vivido pela população implica compreender, numa perspectiva interna, o ponto de vista dos indivíduos e dos grupos acerca das situações que vivem”. Na pesquisa participante como o pesquisador apresenta nível maior de participação, torna-se maior a probabilidade de os sujeitos oferecerem respostas mais confiáveis.

De caráter exploratória:

Gil (2002, p.54) acrescenta ainda que o estudo de caso apresenta diversos propósitos para a realização da pesquisa exploratória. São eles:

1. explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos;
2. preservar o caráter unitário do objeto estudado;
3. descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação;
4. formular hipóteses ou desenvolver teorias; e
5. explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos.

5.2.Procedimentos de coleta dos dados:

Os dados serão coletados com base na realização do IV curso de desenvolvimento em gestão democrática, em caráter de pesquisa, vinculado ao setor de Serviço de Atendimento Psicológico (SATEPSI) da Unilab.

Em consonância com Gil (2010, p.140) “obter dados mediante procedimentos diversos é fundamental para garantir a qualidade dos resultados obtidos”. A aplicação dos questionários será realizada em três momentos.

1. O primeiro passo será a assinatura do termo de consentimento de participação na pesquisa. Posteriormente será aplicado inicialmente um questionário para medir o quanto os/as estudantes conhecem a aprendizagem cooperativa; as habilidades sociais e as interações sociais em grupo;
2. Ao final da realização de cada oficina será aplicado um questionário semi-estruturado para coletar informações sobre o desenvolvimento de cada participante, afim de comparar as percepções iniciais dos/as estudantes com relação ao seu desenvolvimento com a metodologia;
3. Por último e não menos importante, será aplicado o questionário semi-estruturado final com perguntas abertas, que tem como propósito compreender a avaliação final dos/as estudantes com relação a metodologia da aprendizagem cooperativa e o uso das habilidades sociais para o seu desenvolvimento.

O questionário é um instrumento de fundamental importância, pois é através dele que o pesquisador poderá posteriormente dar o devido tratamento aos dados coletados. Outro fator importante é o armazenamento dos dados através da escrita do participante.

- 5.2.1.Observação participante:

A observação participante está diretamente relacionada com a ida do pesquisador a campo. É através da observação que será construído o caderno de campo, que é um instrumento de coleta de dados essencial para o desenvolvimento de uma pesquisa de caráter qualitativa e exploratória. “Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo” (GIL, 2010, p.53).

Em conformidade com Creswell (2010, p.214) “as observações qualitativas são aquelas em que o pesquisador faz anotações de campo sobre o comportamento e as atividades dos indivíduos no local de pesquisa”. Duas das principais vantagens do uso desse procedimento de coleta são:

1. O pesquisador tem contato direto com a realidade estudada;

2. Através do caderno de campo é possível fazer anotações no momento da observação.

As anotações são de fundamental importância no processo de coleta de dados. É através do caderno de campo, que quase sempre, iremos enquanto pesquisadores, lembrar muitas as ações e falas que ocorreram no momento da observação. O que certamente trará maior precisão dos resultados na elaboração do relatório final de pesquisa. A observação participante, tem pois, como objetivo, reconhecer o caráter peculiar dos seres humanos, seu comportamento e sua vida em grupo (HAGUETTE, 1987). Um dos principais motivos para a utilização desse método de coleta de dados é que a partir dele, poderemos ter uma maior interação face-face o que favorece para a melhor compreensão dos resultados, bem como atende o caráter peculiar da pesquisa participante.

- 5.2.2. Entrevista semi-estruturada:

Assim, serão realizadas entrevistas semi-estruturadas com os e as estudantes que participaram da realização dessa pesquisa. A entrevista será o último procedimento que será aplicado. Buscamos através da entrevista coletar os dados referente a participação completa dos indivíduos envolvidos. Pois, para cada oficina a técnica será o questionário semi-estruturado.

5.3. Seleção da amostra: participantes.

Buscaremos selecionar, mediante a inscrição no curso e assinatura do termo de consentimento de realização da pesquisa, os estudantes que irão participar da pesquisa sem distinção de gênero, nacionalidade, etnia ou curso, seja dos níveis de graduação ou pós-graduação. O número ideal de participantes para a realização dessa pesquisa equivale a um total de 45 membros.

É de suma importância realizar a seleção de uma amostra, pois do ponto de vista da delimitação, não seria possível analisar a curto prazo uma investigação que levasse em consideração a participação de todos e todas os/as estudantes da Unilab. Nesse sentido,

para melhor investigar o problema estudado, iremos realizar a pesquisa com 40 estudantes voluntários com base nos princípios éticos de pesquisa.

A nível de compreensão do problema, não iremos delimitar a amostra por meio de marcadores sociais. O único critério para participação na pesquisa é estar regularmente matriculado em algum dos cursos de graduação ou pós-graduação da instituição já mencionada.

Os/as estudantes são nosso principal objeto de análise. O papel do pesquisador nesse sentido é compreender a partir da sua vivencia, também, a realidade enfrentada por esses estudantes na resolução de problemas em grupo. A amostra selecionada dessa população será fundamental para que seja possível, posteriormente, realizarmos as generalizações necessárias para compreensão do problema em questão.

5.4.Local de realização da pesquisa:

O local de realização da pesquisa conforme sugere Creswell (2010) será o “ambiente natural” de realização das atividades grupais. Sendo este o mesmo local que os participantes vivenciam o problema que será estudado.

A pesquisa será realizada na Unilab, não sendo necessário a utilização de laboratório de teste. Como mencionado, o trabalho de investigação será realizado na própria sala de aula, pois assim, compreendemos que o ambiente, caso fosse outro, poderia certamente, influenciar no processo coleta dos dados. A sala de aula é o campo de realização desta pesquisa.

Os critérios adotados para a escolha da sala de aula foram:

1. A sala de aula ser o ambiente natural no qual os/as estudantes vivenciam a resolução, muitas vezes, dos problemas propostos pelos/pelas professores/as;
2. A sala de aula ser o ambiente onde acontece o maior número de interações sociais entre os indivíduos na universidade;
3. A sala de aula ser o principal espaço de interação e aprendizagem na relação professor - aluno;
4. A sala de aula ter todos os equipamentos necessários para a realização da pesquisa. Principalmente, a utilização das carteiras para a organização dos grupos;

5. Por fim, a sala de aula ser o ambiente no qual podemos perceber a individualização dos estudantes, sobretudo, por causa da educação tradicional.

5.5. Análises dos dados:

Gil (2002, p.141) “Como o estudo de caso vale-se de procedimentos de coleta de dados os mais variados, o processo de análise e interpretação pode, naturalmente, envolver diferentes modelos de análise. Todavia, é natural admitir que a análise dos dados seja de natureza predominantemente qualitativa”. Em Creswell (2010, p.216) “O processo de análise dos dados envolve extrair sentido dos dados do texto e da imagem. Envolve preparar os dados para análises, conduzir diferentes análises, ir cada vez mais fundo no processo de compreensão dos dados (...)”.

O primeiro passo da análise dos dados será a organização do material coletado por categorias de análises e por datas. Sendo assim, protocoladas de acordo com os eventos ocorridos durante o levantamento dos dados. Posteriormente a isso, será utilizada a ferramenta eletrônica *Google Drive* para arquivar os materiais coletados e digitalizados. Outros materiais como transcrição de dados e de entrevistas também serão armazenados em pastas específicas criadas a partir das categorias de análises.

Após a organização, será realizada a transcrição de todo o material coletado através das entrevistas com base nos procedimentos éticos de pesquisa. A transcrição de todas as entrevistas serve como parâmetro de análise de todas as contribuições dos/as participantes da pesquisa.

Posteriormente iremos fazer a seleção codificada (Creswell, 2010) buscando selecionar por categorias o conjunto de dados coletados, pois isso favorece para o desenvolvimento da escrita do relatório final de pesquisa.

5.6.Procedimentos éticos:

A pesquisa tem como finalidade, geralmente, compreender o problema posto em questão. Para isso é de extrema importância que nenhum dano seja causado ao objeto de pesquisa, sobretudo, aos protagonistas da investigação, nesse caso: os e as estudantes. O desenvolvimento dessa pesquisa busca investigar e propor melhores condições de aprendizado, promovendo benefícios para os indivíduos e a sociedade.

Diante disso, para que todas as informações sejam colhidas, antes os e as estudantes devem assinar o termo de consentimento de participação na pesquisa. O termo tem como objetivo garantir o sigilo e a dignidade dos participantes da pesquisa, bem como, assegurar a seriedade do trabalho proposto.

Como forma de validação dos procedimentos éticos, para a efetiva realização deste trabalho, será submetido ao Comitê de Ética na pesquisa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). Se aprovado a pesquisa será desenvolvida.

6.CRONOGRAMA:

2018					
Atividades	Agos	Set	Out	Nov	Dez
1.Revisão de literatura sobre aprendizagem cooperativa e visita ao PRECE – UFC.	X	X	X		
2.Revisão de literatura sobre habilidades sociais.		X	X		
3.Revisão de literatura sobre interações sociais e vida estudantil na universidade.		X	X		
5.Planejamento dos procedimentos de coletas de dados e elaboração das oficinas juntamente com a psicóloga do Serviço de Atendimento Psicológico (SATEPSI).				X	X
6. Planejamento dos procedimentos de coletar de dados e elaboração das oficinas juntamente com a psicóloga do Serviço de Atendimento Psicológico (SATEPSI).				X	X
2019					
Atividades	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai
7.Realização das oficinas (execução da pesquisa.	X	X			
8.Transcrição do material coletado.		X	X		
9.Análise do material coletado.			X	X	
10.Elaboração do relatório final da pesquisa.				X	X
11.Elaboração do relatório final da pesquisa.				X	X

7.BIBLIOGRAFIA:

BARRETO, M. C. M.; PIERRE, M. R. S.; DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Habilidades sociais entre jovens universitários: um estudo comparativo.** Rev. mat. Estat., São Paulo, v.22. n.1, p.31-42, 2004.

DEL PRETTE, Z. A. P., & DEL PRETTE, A. 2006. **Habilidades sociais: conceito e campo teórico-prático.** Disponível em: <http://www.rihs.ufscar.br>. Acessado em: 12 de fevereiro de 2019.

DAVID W. Johnson, ROGER T. Johnson, Karl A. Smith. **A aprendizagem cooperativa retorna às faculdades. Qual a evidência que funciona?** Charge, Jul/Aug 98, Vol. 30. p.26. Pensar, dialogar e aprender, 2000.

DEL PRETTE, ALMIR. **Competência social e Habilidades Sociais; manual teórico-prático** / Almir Del Prette, Zilda A.P. Del Prette, Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2018.

FREIRE, PAULO. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire, São Paulo, Paz e Terra, 2011.

FREITAS, T. M.; OLIVEIRA, M. A.; PONTES, L. O. **Desenvolvimento de Habilidades Sociais no Ensino Superior por meio da Aprendizagem Cooperativa: a experiência do III curso de desenvolvimento em gestão democrática.** 2018. Anais Semana Universitária da Unilab.

GIL, A. C. 1946 – **Como elaborar projetos de pesquisa** / Antônio Carlos Gil. – 4.ed. – São Paulo: Atlas, 2002.

MENEZES, M. G. BARBOSA, R. JÓFILE, Z. **Aprendizagem Cooperativa: o que pensam os estudantes?** Linguagens, Educação e Sociedade - Teresina, ano.12., n.17, p.51-62, jul./dez. 2007.

MALHEIROS, Bruno Taranto. **Metodologia da pesquisa em educação** / Bruno Taranto Malheiros. – Rio de Janeiro: LTC, 2011. 23cm. – (Educação).

OLIVEIRA, A. S., OLIVEIRA, C. T., DIAS, A. C. **Características das relações dos universitários e seus pares: implicações na adaptação acadêmica.** Revista Psicologia: Teoria e Prática. 150 - 163. São Paulo, SP, janeiro - abril. 2015.

PACCE. **Programa de Aprendizagem Cooperativa em Células Estudantis.** Disponível em: < <http://www.pacce.ufc.br/pacce/> > Acesso em: 12/02/2019.

SOARES, A. B.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Habilidades sociais e adaptação à universidade: convergências e divergências dos constructos.** *Análise Psicológica.* Doi: 10.14417/ap..991. p.139-151. (2015).

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias Qualitativas na Sociologia** / Teresa Maria Frota Haguette. - 4. ed. Vozes, 1987.